

Negra Sou: o livro-reportagem e seu papel na resistência e na representação

Negra sou: The reportage book and its role in resistance and representation

Adriana Seibert de Oliveira¹ 

¹Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil

RESUMO

A atual produção literária brasileira sobre o negro vem conquistando seu espaço de representatividade, há anos merecido. Nesse contexto, produções de livro-reportagem com temática e autoria negra estão ganhando destaque e têm papel importante na educação antirracista e no combate ao racismo estrutural. Este artigo busca evidenciar o papel destas produções na resistência, representação e também na constituição da memória de atores sociais e da cultura negra, a partir do estudo do livro-reportagem *Negra Sou: a ascensão da mulher negra no mercado de trabalho*, da jornalista Jaqueline Fraga. Para atingir a proposta, será analisado o uso dos elementos jornalísticos e literários, os quais fazem com que o livro-reportagem seja um veículo de comunicação que contribui para a resistência e a representação.

Palavras-chave: Literatura; Jornalismo; Livro-reportagem; Representatividade; Negro

ABSTRACT

The current Brazilian literary production on blacks has been conquering its space of representation, which it has deserved for years. In this context, book-report productions with black themes and authorship are gaining prominence and play an important role in anti-racist education and combating structural racism. This article seeks to highlight the role of these productions in resistance, representation and also in the memory of social actors and black culture, based on the study of the book-report *Negra Sou: a ascensão da mulher negra no mercado de trabalho*, by the journalist Jaqueline Fraga. To achieve the proposal, the use of journalistic and literary elements will be analyzed, which make the report book a vehicle of communication that contributes to resistance and representation.

Keywords: Literature; Journalism; Book-report; Representativeness; Black

INTRODUÇÃO

O preconceito contra o negro e sua cultura esteve presente durante todo o período de colonização brasileira e, infelizmente, estende-se até os dias atuais. A exploração, bem como as violências física e psicológica são apenas alguns dos exemplos a que foram submetidos quando chegaram escravizados ao Brasil. O negro foi forçadamente colocado em uma posição hierárquica inferior.

E, na produção literária brasileira, esse mesmo quadro se repetiu por décadas, até que, por volta dos anos de 1960, com o fortalecimento dos movimentos sociais organizados por negros e negras, esse cenário começou a ser modificado por escritores que começaram a assumir o seu espaço como sujeito na produção literária – pode-se dizer que, atualmente, ainda há casos em que a produção literária negra seja rotulada como marginal, gerando um preconceito, por vezes velado. Esse preconceito dissimulado é resultado de um racismo estrutural, ou seja, um conjunto de práticas, hábitos, situações e falas presentes no dia a dia que promove, mesmo que sem a intenção, o preconceito. É aquele racismo que está presente na própria estrutura social, como um modo “normal” da constituição das relações sociais como um todo. Vale destacar que acabar com o racismo estrutural é um longo processo, que passa pela educação nas escolas até a mudança de postura da sociedade.

Há um posicionamento engajado, com autores preocupados em afirmar, nas suas obras, a condição negra no cenário brasileiro. Para que fossem alcançados esses objetivos (romper com preconceitos e estereótipos então estabelecidos pela literatura canônica brasileira), os autores e autoras negros e negras passaram a publicar suas próprias obras e organizaram grupos que publicaram coletâneas e periódicos especializados comprometidos com a etnia e sua afirmação de identidade cultural, predominando uma posição de resistência e luta pelo reconhecimento social.

Essa reivindicação de determinados valores de sua identidade é um dos elementos na luta pela eliminação do preconceito e afirmação cultural, que tem se

perpetuado até os dias atuais. Assim, se faz com que o negro não seja colocado, apenas, na posição de objeto nas narrativas.

Um dos exemplos é *Negra Sou: a ascensão da mulher negra no mercado de trabalho*, um livro-reportagem de autoria e temática negra, escrito pela jornalista pernambucana Jaqueline Fraga. Jaqueline também é administradora e foi consultora da Unesco e integrante do Programa de Lideranças Femininas Negras Marielle Franco, promovido pelo Fundo Baobá para a Equidade Racial. Esta obra é um exemplo de material que pode ser utilizado na educação antirracista e auxiliar no combate ao racismo estrutural, ratificando seu papel da resistência de forma informativa e educativa.

Negra Sou teve sua primeira edição publicada em 2019, e traz cinco reportagens, escritas, com elementos característicos do jornalismo literário, sobre mulheres negras que atuam em profissões consideradas mais valorizadas, conforme a análise de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). As entrevistadas atuam nas áreas de odontologia, medicina, engenharia, direito e militar. Cada uma das matérias se aprofunda na vida e na carreira dessas mulheres.

Antes de cada reportagem há uma foto das respectivas personagens da vida real e, após cada uma das matérias, são colocadas, na íntegra, entrevistas concedidas pelas mesmas, nas quais estas mulheres falam sobre representatividade e protagonismo em suas trajetórias, sendo um conteúdo distinto do que é apresentado na reportagem.

Ao final da produção são apresentadas, em três páginas, as referências bibliográficas que foram consultadas para a produção do livro. Também há dois apêndices: o primeiro está intitulado como *Análise da participação de pessoas negras no mercado de trabalho brasileiro* e, o segundo, como *A eficácia do teste do pescoço*.

Em relação ao livro-reportagem *Negra Sou*, a autora afirma, na apresentação da obra, que “precisamos mostrar o sucesso das mulheres negras para que percebamos, cada vez mais, que esses espaços também são nossos” (Fraga, 2022, p. 11). E sobre a

temática da obra, ela ainda complementa, em introdução intitulada *Profissão tem cor?*:

Como resultado de um contexto histórico, socialmente racista e machista, as mulheres negras ainda são minoria em carreiras avaliadas como de maior prestígio profissional. Mas, enquanto lutamos para que esses números mudem, é importante compartilhar a história de mulheres negras que já atuam em profissões que costumam ter mais destaque social (Fraga, 2022, p. 13).

Vale destacar que a obra foi vencedora do Prêmio Antonieta de Barros Jovens Comunicadores Negros e Negras, em 2016; recebeu a menção honrosa do Prêmio Direitos Humanos de Jornalismo, em 2019; foi finalista do Prêmio Jabuti, concorrendo na categoria “Biografia, documentário e reportagem”, em 2020; e também recebeu menção honrosa do 1º Prêmio Maria Firmina de Literatura, na categoria não-ficção, em 2021.

Diante do exposto, este artigo tem como objetivo apontar o uso dos elementos jornalísticos e literários, característicos do gênero jornalismo literário, os quais fazem com que o livro-reportagem seja um veículo de comunicação que exerce seu papel na resistência e na representação de mulheres negras – nesse caso em específico. E, para alcançarmos esse propósito, é importante serem abordados os caminhos da literatura afro-brasileira, assim como esclarecer quais são as características do jornalismo literário para, posteriormente, analisar em cada uma das reportagens onde esses elementos se fazem presentes e adquirem esse papel representativo.

A REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA LITERATURA

A escravidão no Brasil iniciou-se em meados de 1530, quando os portugueses começaram a implantar de maneira efetiva a colonização da América portuguesa. Estendeu-se até 1888, com a promulgação da Lei Áurea, permanecendo, assim, ininterruptamente, no Brasil por cerca de 400 anos. Suas consequências são sentidas

até os dias de hoje, mais de 130 anos depois de abolida essa prática no país. E a literatura tem um papel social de extrema importância para o conhecimento e consequente conscientização do que ocorreu.

Ao fazer uma análise de produções da literatura negra – produções artístico-literárias que suscitam várias questões de extrema importância, uma vez que particularizam questões necessárias da cultura negra, que muitas vezes são minimizadas – , embarca-se em uma generalização da expressão *literatura brasileira*, uma vez que o poder de escolha das obras que são consideradas cânones e que define o rol das que devem ser lidas ao fazerem parte de programas escolares de literatura fica nas mãos de grupos sociais privilegiados.

Por este motivo, a discussão sobre a dificuldade de inserção de obras produzidas por autores negros deve ser aprofundada. Além deste ponto, já citado, referente à escolha do que deve (ou não) ser lido, também entra aqui a questão do preconceito e a estereotipação do autor e da autora negra que, quando conquistam um pequeno espaço, são caracterizadas de modo inferior.

Teóricos da literatura, ao analisar obras produzidas por autores negros, fortalecem as discussões acerca das suas produções literárias, assim como se intensificam as pesquisas acadêmicas sobre o assunto. Octávio Ianni reforça essa produção já antiga e constituída:

A literatura negra é um imaginário que se forma, articula e transforma no curso do tempo. Não surge de um momento para outro, nem é autônoma desde o primeiro instante. Sua história está assinalada por autores, obras, temas, invenções literárias. É um imaginário que se articula aqui e ali, conforme o diálogo de autores, obras, temas, invenções literárias. É um movimento, um devir, no sentido de que se forma e transforma. Aos poucos, por dentro e por fora da literatura brasileira, surge a literatura negra, como um todo com perfil próprio, um sistema significativo (Ianni, 1988, p. 91).

Mesmo com questões um pouco distintas, no que diz respeito ao uso das terminologias literatura negra, literatura afro-brasileira, literatura afrodescendente e/ou literatura negro-brasileira, as obras escritas por autores ou autoras negras, carregam em si sua função social, suas lutas pela conscientização, dando sentido aos processos de construção identitária dos grupos excluídos. Também assumem as ligações entre relação de identidade e memória com a África, além de trazer à tona as mutações que sofreram na diáspora.

O negro, como tema e/ou personagem, era apresentado pelos autores do cenário literário nacional, desde o século XVII, reforçando mitos e estereótipos, na condição de objeto, com uma visão distanciada, como coloca Domício Proença Filho (2004), no seu artigo *A trajetória do negro na literatura brasileira*. Dentre os estereótipos, citados pelo autor já referido, estão os do escravo nobre, negro vítima, negro infantilizado, escravo demônio, negro pervertido, negro fiel e negro exilado na cultura brasileira, configurando-se, na maioria das vezes como uma espécie de objeto cênico, não mais que um importante bem material. É o que se vê no caso do conto machadiano *Pai contra mãe*, por exemplo, quando uma escrava fugida de seu “proprietário” foi capturada por um capitão do mato, que atuava de forma independente, e que mesmo após saber que a mulher estava grávida, não a liberou, a entregando a seu “dono”, resultando no aborto de seu feto. Ou seja, a personagem, que já não era uma figura de destaque no enredo, foi tratada apenas como mais um bem material, o qual rendeu receitas ao seu capturador. Ressalto que coloco entre aspas a palavras *proprietário* e *dono*, por não aceitar este tipo de situação, porém era dessa forma com que os negros eram tratados: como bens materiais pertencentes a um dono. Raramente havia nas narrativas uma personagem protagonista, ou seja, não havia interesse em apresentar o negro como personagem de destaque, pois ele era considerado elemento poético de segunda importância na construção de enredos.

Já o olhar para as imagens do negro de forma afirmativa começou a ser revelado pela literatura a partir da década de 1960, com o fortalecimento dos movimentos

sociais organizados, como já mencionado anteriormente. Desde então, o negro é posicionado como sujeito, com atitude compromissada, como Domício Proença Filho define.

Este é um exemplo da força da palavra poética, que vai ao encontro do que concluiu Francys Carla Arraiz Lindoso Cavalcante, no seu artigo *Literatura afro-brasileira: um processo de afirmação identitária e de resistência negra na poesia de Cuti*:

A literatura negra, além de cooperar na reversão de discursos instituídos, atua na (re)constituição e suplementação de sentido à história literária. Em outras palavras, as produções literárias afro-brasileiras acrescentam ao universo literário uma versão distinta da história a partir de um ponto de vista afroidentificado, compensando as omissões da crítica nacional aos autores negros e visando, principalmente, a ampliação do público leitor (Cavalcante, 2017, p. 99).

Em suma, percorrendo vários caminhos e utilizando diferentes recursos para a construção literária, os escritores e escritoras negros, mesmo com pouca visibilidade e enfrentando preconceitos, intensificaram sua produção, deixando heranças: o resgate e revitalização de tradições e também a divulgação e democratização do acesso de dados e fatos ocorridos na história dos africanos trazidos para o Brasil. Dessa forma, assumem uma identidade de literatura de resistência, para que não se camufle a real história e, mais ainda, para que não repita o que ocorreu no passado.

Dessa forma, temos uma produção em constante formação e recriação, em movimento e aberta, sempre com o objetivo principal de dar destaque ao sujeito negro e, conseqüentemente, de buscar a valorização desses atores sociais de forma a mudar práticas discriminatórias impregnadas na sociedade.

JORNALISMO LITERÁRIO: O QUE É E SUAS CONTRIBUIÇÕES

Umavezquenossoobjeto de estudo é um livro-reportagem, é preciso abordarmos, de forma breve, questões teóricas sobre sua definição e suas características, bem

como sobre o jornalismo literário, para posteriormente, partirmos para a análise da obra, ressaltando o seu papel na resistência e representatividade negra.

Com características próprias e também com fins diferentes, jornalismo e literatura são duas áreas que se influenciam, ou seja, tanto o jornalismo como a literatura se contaminam, levando em consideração apenas as duas áreas tratadas nesta pesquisa.

No jornalismo, muitos profissionais utilizam elementos literários para informar o seu público, bem como, na literatura, escritores incorporam elementos jornalísticos para a construção de sua obra. É nesse momento que os discursos se aproximam e os gêneros dialogam, como coloca Rildo Cosson (2008) ao afirmar que:

esse embaralhamento só é possível porque se trata de discursos de convenções. Isso não quer dizer que essas fronteiras são fáceis de serem transferidas e rompidas. Um gênero só termina depois que o outro começa e há uma zona entre os dois discursos. Emergir entre a zona comum, criando uma nova existência, demanda uma forma diferenciada de ler esses textos, já que são um novo gênero” (Cosson, 2008, n.p.).

Os textos contaminados na fronteira entre o jornalismo e a literatura, conforme Cosson (2008) destaca, valem-se de empréstimos de outra área para dizer alguma coisa a seu leitor. E é aqui que entra o livro-reportagem, *corpus* deste estudo, um veículo de comunicação que faz uso dessas características para levar informações de forma mais atrativa aos leitores como, por exemplo, a construção de personagens, a narração, a descrição, o uso de diálogos e de recursos na linguagem. Dessa forma, o leitor recebe dados verdadeiros (característicos do jornalismo informativo), ao mesmo tempo em que recebe informações complementares – não encontradas no jornalismo factual, como sentimentos, rostos, nomes, cores e lugares.

O livro-reportagem tem características textuais específicas para poder conquistar o seu público leitor, já que se configura como uma produção de mais fôlego

que as notícias do cotidiano, com um volume maior de informações. Em relação a essas características Sérgio Vilas Boas afirma: “quanto ao texto do livro-reportagem, apresenta narrativa longa. Por isso, o livro tem que ser ‘convitativo’, tal qual propomos que seja o texto das revistas semanais de informação geral” (Boas, 1996, p. 93). Assim, seu texto é rico em detalhes, revelações e descrições, além de também poder fazer uso de elementos linguísticos, como as interjeições e sucessivas pontuações para poder expressar melhor a mensagem a ser transmitida, por exemplo.

Também são elementos característicos do livro-reportagem, mesmo que alguns optem pela não utilização, a inclusão em seu projeto gráfico de ilustrações, fotografias, charges, cartuns, mapas e diagramas. Essa variedade de informações disponíveis no livro-reportagem requer pesquisa constante por parte do autor. Além de várias entrevistas, ele precisa fazer pesquisas bibliográficas, jornalísticas, de campo e também contar com a percepção.

Como diz Edvaldo Pereira Lima,

Veículo de comunicação jornalística não periódica, o livro-reportagem é um produto cultural contemporâneo bastante peculiar. De um lado, amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais, pelas revistas e emissoras de rádio e televisão. De outro, penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante aventura da viagem pelo conhecimento da contemporaneidade (Lima, 1993, p. 7).

Em suma, o livro-reportagem é aquele que possui informações que estão além do imediatismo e do superficial. Por isso, ele é objeto de interesse por um tempo muito maior do que as matérias cotidianas. Neste sentido, o livro-reportagem traz também elementos carregados de simbologia, que fornecem informações essenciais sobre uma determinada comunidade ou cultura, como aqui será colocado, no caso da representatividade afro-brasileira.

Essas narrativas, presentes no livro-reportagem, ao serem lidas, permitem que os leitores possam, a partir do presente, rememorar o passado e ter conhecimento sobre algum local e o que lá se passou, assim como há a possibilidade de dar destaque a vozes que, no jornalismo do cotidiano, não são escutadas.

Essas vozes ouvidas nos livros-reportagem podem ser consideradas memórias clandestinas ou inaudíveis, conforme sugere Michael Pollak, em *Memória, Esquecimento e Silêncio*:

Distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. Sobretudo a lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado (Pollak, 1989, p. 8-9).

Assim, os livros-reportagem podem ser tomados como documentos históricos representativos de seu tempo, bem como do meio social em questão. Neste caso em específico, dando voz e registro a atores sociais negros.

JORNALISMO E LITERATURA ATUANDO JUNTOS NA REPRESENTATIVIDADE

Neste momento iremos fazer a análise das reportagens do livro *Negra Sou*, de maneira pontual, identificando dois elementos em específico que são utilizados na construção do livro-reportagem e que são representativos e significativos nesse movimento de resistência e valorização da cultura afro-brasileira: a *descrição* (elemento literário) e as *declarações* (elemento jornalístico). Mesmo existindo mais elementos característicos do livro-reportagem, como citado anteriormente, o enfoque será nesses dois pontos, pois são os mais significativos para o nosso objetivo, o de mostrar a importância e o papel do livro-reportagem na representação de atores sociais e cultura negra.

Na obra, são apresentadas as histórias de vida e trajetória profissional da capitã e coordenadora do Grupo de Trabalho e Enfrentamento ao Racismo, da Polícia Militar de Pernambuco, Lúcia Helena Salgueiro; da dentista (na época da publicação do livro, formanda do curso de Odontologia) Carolina Lemos; da engenheira química Gleyciane Correia; da médica pediatra Laurinete Teles de Santana; e da procuradora e coordenadora do Grupo de Trabalho e Combate ao Racismo, do Ministério Público de Pernambuco, Maria Bernadete Figueroa.

O jornalismo foi a base da construção da obra, já que toda a captura de material e a percepção embasaram-se nas técnicas jornalísticas empregadas para a escrita de uma grande reportagem. Contudo, para facilitar a leitura, foram utilizados elementos do texto literário, os quais serão analisados, apontando, daí, suas contribuições para esse processo de reafirmação da identidade afro-brasileira. É necessário esclarecer que serão deixados de lado trechos com elementos que, mesmo que exemplifiquem as características do jornalismo literário, não são utilizadas diretamente na questão de registro e representação.

Jaqueline Fraga escreve seu livro não apenas narrando uma história, como alguns livros-reportagem o fazem, mas conversando com os leitores e contando os passos, acontecimentos, percepções e também, em alguns momentos, reflexões da própria autora. Entre as características que estão presentes em produções literárias e, que, neste caso, adquirem um caráter de representação identitária, está o enquadramento das pessoas envolvidas e entrevistadas como personagens e a sua descrição. Neste mesmo quesito está a descrição de lugares ou de acontecimentos relacionadas à história.

É importante salientar que, mesmo sendo verídica a história ocorrida, os envolvidos são tratados como personagens no livro-reportagem, com seus traços físicos e psicológicos podendo ser descritos, como verificado neste excerto quando é apresentada a capitã Lúcia Helena: “Cabelos curtos e crespos enfeitados com um diadema discreto, 1,78 de altura, brincos pequenos, pouca maquiagem, distintivos espalhados pela farda mostrando sua graduação militar, arma presa na cintura” (Fraga, 2022, p. 16).

Ou ainda, no excerto a seguir, quando descreve e ao mesmo tempo coloca a declaração de uma das entrevistadas, sobre como irá vestida no dia de sua formatura em odontologia:

Carol está no 7º período do curso, a formatura é no próximo ano. Ela já avisou a mãe: “Meu cabelo vai deste tamanho”. Ao falar, abre as mãos, enfatizando a potência do black power. As madeixas viraram motivo de discussão depois que ela e a irmã decidiram não mais alisar o cabelo. Antecipando o que deve acontecer no Baile, ela imagina: “Vai ser um choque” (Fraga, 2022, p. 31).

E continua:

O vestido com tema africano e a música “bombástica” de entrada compõem, juntamente com o cabelo black, o tripé da formatura. Os dois primeiros foram planejados durante a entrevista. “Caramba, tu me deu uma ideia agora, podia fazer um vestido meio africano”. E analisa, meio em tom de brincadeira: “Minha mãe vai chiar, porque minha mãe é dessas”, sorri (Fraga, 2022, p. 31).

A descrição de acontecimentos vivenciados pelas entrevistadas/personagens também adquire aqui importância, uma vez que traz aos leitores situações reais pelas quais passaram, em específico, de discriminação racial. Um dos exemplos é um dos descrito, pelo qual a dentista Carolina passou:

Dois casos marcaram a memória de Carol. Um na escola, quando dois alunos abriram espaço e disseram: “abre que a neguinha vai passar”, relembra. “Eu nunca me esqueci”, conta, com uma voz que doeu em mim. O outro, nos primeiros períodos da universidade, quando um colega de classe disse, ao vê-la se aproximar do grupo: “Lá vem a senzala pra perto de mim”, relembra novamente. “Eu não consegui reagir. Eu disse ‘deixe desse tipo de brincadeira que eu não gosto’, falei alguma coisa assim. E aquilo ficou na minha cabeça: ‘Carai, velho, ele me chamou de senzala.’” São casos como esses que nos fazem entender que não, o Brasil não é um país sem preconceitos (Fraga, 2022, p. 35-36).

Da mesma forma, uma situação vivenciada pela médica Laurinete. Este trecho é escrito de forma como se narram histórias:

Era uma vez um concurso sobre religião. Alunos das escolas católicas podiam participar. O melhor trabalho do interior iria para Recife. Quem ganhasse no Recife, iria para o Rio de Janeiro. Em um colégio de freiras de Caruaru, agreste pernambucano, uma menina tirou a maior nota, mas seu trabalho foi “acidentalmente” esquecido. A mesma menina, quando cantava uma música, escutou do professor: “Para com essa batucada de negro”. Outras vezes, quando falava na fila, era expulsa e mandada para a diretoria. Acontece que as colegas não tinham o mesmo tratamento. Será que era sorte? (Fraga, 2022, p. 57).

Outro momento em que encontramos esta exemplificação é quando se relata situação discriminatória presenciada pela procuradora Maria Bernadete, em evento organizado por ela, com o objetivo de combater o racismo:

Em 2004, na primeira vez que levou o tema Racismo Institucional para um Congresso do Ministério Público, foi questionada por um colega de MP: “Ave Maria, Bernadete. Que negraria é aquela? Você está enegrecendo o Congresso”. A negraria eram os palestrantes, todos doutores ou pós-doutores. “Então, eu disse ao colega: olha, colega, essas pessoas que tão escurecendo são os palestrantes. Se você quer saber do que se trata, vá assistir”. Terminado o congresso, o promotor pediu desculpas e afirmou que a única palestra interessante no evento havia sido aquela (Fraga, 2022, p. 74).

Em uma notícia de jornal diário, por exemplo, raramente se encontram tais elementos descritivos. Informações detalhadas não fazem parte do jornalismo cotidiano, mas enriquecem a narração em um livro-reportagem. Em trechos como este, percebe-se que ao escrever um livro-reportagem, estes elementos remetem o leitor àquele momento relatado, sendo estas informações responsáveis pelo acionamento do processo de rememoração e também de reflexão.

As declarações, frequentemente encontradas nas reportagens jornalísticas dos veículos de comunicação tradicionais, dão voz e vez aos entrevistados, atribuindo-se, dessa forma, credibilidade às reportagens. No livro-reportagem, as declarações têm a mesma função. Nesse caso, a utilização das declarações colhidas durante as entrevistas de mulheres negras valoriza e gera protagonismo ao discurso de cidadãs que, por vezes, mesmo tendo projeção em suas profissões (como é o caso aqui), são deixadas de lado em função de sua cor.

Na declaração da entrevistada Capitã Lúcia Helena, é percebida a sua opinião de uma maneira direta, quando ela fala sobre a autoestima dos negros:

Certo dia, em um restaurante, ela ouviu um colega de escola comentar: “Tá vendo aquela mulher ali? Ninguém dá nada por ela, mas é capitã da polícia”. Aquela frase pesou. Pesou em Lúcia Helena e pesou em mim. O colega, também negro, talvez não tenha consciência da força daquelas palavras. “A nossa autoestima, a autoestima do negro, ela não é boa. E eu hoje combato muito isso até com os meus próprios familiares” (Fraga, 2022, p. 23).

A dentista Carolina, ao ser entrevistada, também abordou a mesma temática: “Esse assunto não era debatido em casa, eu não fui empoderada pra me achar bonita, pra gostar do meu cabelo, pra gostar da minha cor. Várias vezes eu fiquei pensando: se eu não fosse negra, será que eu teria [sofrido] preconceito?” (Fraga, 2022, p. 34).

A participação do negro nos espaços sociais também é trazida à pauta nas declarações das entrevistadas, como na fala da engenheira química Gleyciane, quando é perguntada sobre o número de alunos negros que eram seus colegas na graduação:

A turma tinha cerca de 45 alunos. Quando pergunto se havia muitos alunos negros, ela logo responde: “Na minha turma não”. Faz uma pausa, meio que tentando puxar na memória os colegas que recordava. “Na minha turma, negros, rapaz...”, sorri meio sem graça com a dificuldade, “puxando assim, negros, três pessoas, contando comigo” (Fraga, 2022, p. 43-44).

Ainda em relação ao meio universitário, a dentista Carolina também declara: “Sempre me perguntam se entrei por cota. Eu passei em vestibular normal. E a minha amiga que entrou por cota de escola pública, branquinha, de olho azul, ninguém pergunta. Eu só fiquei sabendo porque ela falou”, desabafa” (Fraga, 2022, p. 31).

Sobre a estereotipificação da figura do negro, a minimização de sua participação no mercado de trabalho e a colocação preconceituosa de que negros ocupam posição profissional em cargos de menor valorização e de menos exigência intelectual, há a declaração da médica Laurinete e também a da procuradora Maria Bernadete. Após a autora relatar durante a entrevista que, na infância, era atendida no Hospital da Polícia, a médica Laurinete declara: “Talvez eu tenha te atendido. Pergunta a sua mãe, só tinha eu de negra lá”, lembrou. Essa frase meio que se transformou no sobrenome de Laurinete, que costumava dizer aos pacientes: “Pode procurar pela médica negra, que eu sou a única, se esquecerem meu nome” (Fraga, 2022, p. 52).

Já a procuradora Maria Bernadete, em sua declaração, abriu espaço para uma reflexão:

“Então, a questão do racismo é essa na-tu-ra-li-za-ção do lugar da pessoa negra”, fala, pausadamente. “No imaginário social, o normal é que a pessoa negra seja o quê, na terceirizada, seja segurança, no máximo. E olha se for negão grande, porque pra segurança não pode ser qualquer negro não, né?” E reforça: “Porque o racismo é essa naturalização, como eu digo, de que aquele lugar é do branco e esse lugar é do negro. Daí a grande grita da sociedade quando o negro quer entrar na universidade, porque universidade não é lugar de negro, tá, é lugar de povo branco no Brasil” (Fraga, 2022, p. 75).

As falas aqui trazidas como exemplificação são a prova do preconceito ao qual a população negra está exposta e, ao serem verbalizadas por pessoas negras, que têm um espaço de fala consolidado, ganham ainda mais representatividade, pois são carregadas de sentimentos de quem vivenciou a discriminação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença africana no Brasil é, sem nenhuma dúvida, protagonista na formação da identidade nacional e cultural do povo brasileiro, e se faz necessário resistir, opondo – se às mais variadas formas de silenciamento que existiram, existem e (positivamente pensando) não existirão mais na história social, política e cultural do País. É neste contexto e sentido que é importante que se coloquem à frente e se estimulem as produções literárias que evidenciam identidades e resistências negras, tais como nesse livro-reportagem que foi analisado, escrito por uma mulher negra e com uma temática também negra, o qual traz em suas páginas o protagonismo de mulheres negras, como forma de valorização de suas trajetórias e sua ancestralidade, além de ser também uma forma de incentivo a todos que passam por preconceitos diretos ou velados.

Buscou-se, neste estudo, evidenciar a importância da produção negra na atualidade, de forma específica em produções jornalístico-literárias, como o livro-reportagem, como forma de registro e representação de atores sociais negros. Para isso, foi realizada análise de excertos do livro-reportagem *Negra Sou*, a partir de elementos textuais característicos deste gênero: a descrição e a declaração.

Constatou-se que produções deste gênero, assim como de outros, desempenham um papel de grande importância na busca pelo reconhecimento e representatividade negra, e que o livro-reportagem tem um papel importante na divulgação e na reconstrução da memória de um povo, pois através dele é possível ter conhecimento de lugares, pessoas e situações que não são comuns a muitas pessoas, ampliando a gama de informações sobre um determinado assunto.

A partir desta perspectiva, pode-se afirmar que o livro-reportagem pode constituir valioso instrumento de reconstrução de história e memória social, auxiliando assim na luta pela representatividade.

REFERÊNCIAS

BOAS, Sérgio Vilas. **O estilo magazine**: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.

CAVALCANTE, F. C. A. L. Literatura afro-brasileira: um processo de afirmação identitária e de resistência negra na poesia de Cuti. **Opiniões**, v.10, 2017, p. 86-102. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2017.122432>. Acesso em: 31 de janeiro de 2023.

COSSON, Rildo. Narrar a vida/dizer o mundo. 15 de dezembro de 2008, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), durante a **VI Jornada de Literatura e Autoritarismo e II Simpósio Memórias da Repressão**, Santa Maria.

FRAGA, Jaqueline. **Negra sou**: a ascensão da mulher negra no mercado de trabalho. Recife: Selo Miranda, 2022.

IANNI, Octavio. Literatura e consciência. *In*: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (USP)**, São Paulo, n. 28, p. 91-99, 1988. Edição comemorativa do Centenário da Abolição da Escravatura.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro**, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989. ISSN 2178-1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>>. Acesso em: 04 de agosto de 2020.

PROENÇA FILHO, D. A trajetória do negro na literatura brasileira. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 50, 2004, p. 161-193. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9980>. Acesso em: 31 de janeiro de 2023.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

1 – Adriana Seibert de Oliveira

Universidade Federal de Santa Maria

<https://orcid.org/0000-0002-1791-0102> • adriana.seibertrs@gmail.com

Contribuição: Conceituação, escrita - primeira redação, escrita - revisão e edição

Como citar este artigo

OLIVEIRA, A. S. de. Negra Sou: o livro-reportagem e seu papel na resistência e na representação. **Literatura e Autoritarismo**, n. 43, p. e86155, 2024. DOI: 10.5902/1679849X86155. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/86155>. Acesso em: dia mês abreviado ano.